

PRESENÇA DO GALEGO NAS LETRAS E NAS ARTES URUGUAIANAS

(Notas para um inventário de urgência)

José Monterroso Devesa
Instituto de Estudios Genealógicos del Uruguay
jmonterrosodevesa@gmail.com

1.O GALEGO, OS GALEGOS NAS ARTES URUGUAIANAS

Na percepção visual do uruguaiano em geral e mais do montevideano em particular, nom desprega o galego umha paisagem urbana relevante a primeira vista, de frente à descomunal evidencia do italiano ou do francés, triunfantes no universo decimonónico no que se desenvolve urbanísticamente Montevidéu, tanto na arquitectura, como na sua mesma estatuária, quer de ornato, quer comemorativa.

Por outra parte, nom está de mais salientar que, ao falarmos da Galiza e a sua enorme impronta sociocultural e comercial no Uruguai, esta dá-se na sua condição de mera região geográfica da Espanha, obrigada a competir aqui com países inteiros como Itália, o qual ressalta ainda mais a real envergadura daquela impronta, posta de manifesto, sem irmos mais alá, na multitude de nomes de família nacionais uruguaianos como os onipresentes Varela ou Castro, os Quiroga ou Lamas, os patronímicos Míguez (como nom citar acá os dous edificios Míguez puntaestenhos?) ou Estévez, os Gestido ou Cea, os García Lagos ou Freire, os Botana, Soliño ou Vilariño, Rama ou Fariña, etc., etc.... que nos empurram a fazer finca-pé na concreta idiosincrasia galaico-uruguaiana, como já tenhem destacado intelectuais tales Vidart ou Pi Ugarte.

Há umha evidente inexistência de obra galaica no panorama urbano de Montevidéu. Seguramente porque na própria Espanha o carácter de o galego, *malgré* a relevância demográfica da Galiza (redondeando: três milhões em 30.000 qm.2: dous departamentos de Tacuarembó), estivo secularmente opacada pola irrelevância política, concretamente no referente à arte do país, em comparação coas artes espanholas dominantes: máis a magnificência do românico e do barroco galegos (*verbigratia*, os numerosos mosteiros e, sobremaneira, a catedral de Sant'Iago e a própria praça do Obradoiro no seu conjunto) em tempos muito anteriores à fundação montevideana. (O mesmo poderia-se afirmar do românico catalán, etc.).

É claro que nem sequer a arquitectura espanhola tivo, agás os grandes edificios do final da Colóniagem co seu formalismo classicista, pola sua mesma brevidade – menos dumha centúria- influência no Montevidéu expansivo... a Galiza só se dedicou a exportar humanidade. Aquela mesma humanidade que foi, na sua imensa maioria, carne anónima de emigração, fora muitos destacados funcionários ou hierarcas coloniais, ou as mesmas gentes de ótimo nível cultural que, desde a queda da breve I República espanhola, se espalharom por todas as Américas e a nossa novíssima República Oriental (mestres, médicos, impressores, abogados, curas...).

Assi é que nos limitaremos a enumerar individualidades que exercérom e formárom legiões nas nascentes artes uruguaianas, nativos ou filhos, artistas ou, também, promotores ou mecenas. E tudo isso apenas indicativo, sem pretensões de exaustividade. Ao dizer filhos, traemos ao tapete o componente genético, sempre esquivo, aplicando a nossa tese baseada na importância do *jus sanguinus*, componente que ressaltamos no desenvolvimento do intelecto humano, sem negar, por isso, o importantíssimo labor da educação na mente do indivíduo.

Neste sentido, é curioso anotar como, ao obviar o uruguaiano, geralmente, o apelido materno, queda-nos umha imagem reduzida do artista (e do nom artista) de turno: quem repara em que Belloni era Garaycochea de segundo? Pareceria que nel primara o espíritu latino e itálico, tam prestigioso, sobre o basco materno... mas, seria assi realmente? E isto, sem indagar no resto dos avós. A este respecto, nós optámos, ousadamente, por incluir, sempre que pudemos, o desterrado nome de familia materno... embora, na realidade, nom fosse de uso do próprio individuo.

1.1. ESCULTURA. ARQUITECTURA

1.1.1. AS PEDRAS AVÓS

Entre as testemunhas monumentais da velha Montevideu están os dous cruzeiros ourensanos que, finalizando o XVIII ou a começos do XIX, foram traídos acá polos irmáus Fernández Bermello, a saber: a cruz do Cemitério Central, que é um cruzeiro em toda regra, coas suas duas caras, e o chamado *Cristo del Cordón*, hoje tras da sua furna eclesial, antano em El Cardal (marcando essa encrucilhada urbana próxima da actual Universidade da República), este muito mais simples na sua factura unifaz, mas ambos mostra dumha arte popular da que há centos ao longo e largo da geografia galega, segundo dizem os historiadores, chantados sobre antigas pedras sagradas dos ritos precristianos. (Surpreende a sobrevivência do comércio *Antigua Alpargatería del Cristo*, em tal paragem, fundada em 1873).

1.1.2. A VELHA CAPELA

Já nom anónima como os cruzeiros, mas de autor é a *Capilla de la Caridad*, val dizer, o templo adscrito ao Hospital Maciel. Autor serodiamente reconhecido como tal: o compostelám Miguel Estévez Díaz (1767-1812, data de nascimento que resgatamos pola sua acta de batismo, que corrige a de 1770 a figurar na placa ali situada). (Estaria por estudar o possível influxo neste templo do seu mestre tamém compostelám, o arquitecto Domínguez Romay).

1.1.3. OS ARQUITECTOS

Será lícito, segundo a nossa anunciada opinión, incluir filhos de galegos? Se assi o consideram Vs., aí temos ao Gral. Arquitecto Alfredo Campos Calp (1880-1970), de pai galego, a quem se lhe devem diversas realizações públicas, maiormente na orden militar, assi como a sede do *Centro Gallego de Montevideo*.

Aparentemente mais longínquo, o loureado engenheiro Eladio Dieste St. Martin (1917-2000), neto paterno de galego, cuja familia mantivo nas sucessivas gerações o vínculo co país ancestral (nomeadamente seus tíos Eduardo e Rafael, literatos ambos): seria ocioso relatar aquí a sua obra, bem patente para todos.

Induvitável galego materno foi o nosso internacional Rafael Viñoly Beceiro (1944-2023), autor acá do novo aeroporto de Carrasco.

1.1.4. OS ESCULTORES

Seguem dous escultores filhos de mai e pai galegos. Eles som: Severino Pose Ambrois (1893-1963), quem nos proporciona como mostras mais populares os monumentos a Larrañaga e a *La Maestra* (este na praça Lafone).

E Antonio Pena Rego (1894-1947), mália sua vida mais curta, bem conhecido polos seus monumentos *El Labrador* (bulevar lateral do MNAV, que evoca irremediavelmente a um labrego galego), a Hernandarias (rambla 25 de Agosto) e a Abadie Santos (rambla República Argentina).

E umha simples observaçom: o escultor Zorrilla foi Blanco de segundo, apelido materno que provinha de seu trisavô galego, Alonso da Contiña Blanco, pai este de Juan Benito Blanco (por nom citarmos outros ascendentes de relevo).

E um dado de última hora: o galego Pedro Ceán Añón (1929-2008) foi o primeiro titular da cadeira de Olaria (cátedra de Alfarería) da UTU (1963).

1.1.5.OS PINTORES

Vedeáí um *mélange* de galegos nativos e galegos-filhos, muitos daqueles chegando ao Uruguai sendo nenos, que me limito a enumerar áridamente.

Melchor Méndez Magariños (Pontevedra, 1885-1945); Norberto Berdía Ceruti (1899-1983); Amalia Nieto Perichon (1907-2003); Washington Barcala Marzadri (1920-1993); Manuel Pailós Blanco (Corme-Corunha, 1914-2004); Manuel Otero Silva (Combarro-Pontevedra, 1921-2003)... até darmos com outro trisneto (como Zorrilla), tal o universal Gonzalo Fonseca Muñoz (1992-1997) que o foi do galego Pedro Fonseca.

Capítulo aparte meresce Leopoldo Nóvoa García (Pontevedra, 1919-2011), também escultor, do que nos queda o popular e maltratado exemplo do mural do estadio do C. A. Cerro (1962-1964)... e a sua continuaçom (segundo expressom do autor) no mural do parque de Santa Margarida da Corunha (1989). O caso de Nóvoa é peculiar, devido a que, todo ao longo da sua longa vida, compartiu ambas as pátrias e nelas criou grande parte da sua obra.

1.1.6.ARTE GALEGA IMPORTADA. OS MECENAS

A resultas de realizar um inventário definitivo, podemos destacar, entre outras obras, e já tratados os ancestrais cruzeiros, até um mínimo de seis realizaçoms fundamentais neste campo.

Fernando Álvarez de Sotomayor y Zaragoza (Ferrol, 1875-1960), pintor áulico e costumista, tem “Bergantiñáns” no Palácio Taranco e “Foliada” na pinacoteca que alberga ou albergava o edificio García (Ejido e 18).

Francisco Asorey González (Cambados-Pontevedra, 1889-1961), o mais importante escultor galego do seu tempo, tem: o busto marmóreo de Cervantes (Ateneo) e, sobre isso, a “Santa”, que foi, até há bem pouco (e desde 1951) propriedade de *Casa de Galicia* e hoje se custodia no Museo Zorrilla, talha em madeira policromada, tamaño natural, de nú de mulher labrega de físico trabalhado e rotundo, cum jugo bovino nos seus ombros.

Roberto González del Blanco (Leom, 1887-1959, desde neno em Snt'Iago), mostra-nos quando menos dous óleos de dimensoms generosas: o “Adiós!” (do emigrante) (ex sanatório de *Casa de Galicia*) e “Un jueves en Compostela” (MNAV) (día de feira de gando na cidade, actual capital da *Comunidade Autónoma de Galicia*).

Os mecenas, entom, forom nom só algunhas instituiçoms dos galegos, mas também dous entre os grandes coleccionistas já aludidos: Félix Ortiz de Taranco y Viñal (Vilaboa-Corunha, 1866-1940) e o filho de galego Fernando García Casalia (1887-1945), de quem é mais conhecido o seu parque e *Museo de Carruajes* de Carrasco Norte.

1.1.7.A MODELO DO PINTOR

Nom me resisto a traer á palestra a modelo e mais que modelo de Blanes, Carlota Ferreira. Essa atracçom perturbadora dumha quarentona quase feia, para os nossos olhos de 140 anos mais tarde, provoca a evocaçom aquí da linhagem carlotenha.

Como com meridiana claridade razoa Ricardo Goldaracena, Carlota, cujo batismo nom se deu encontrado até a data, nom podía ser filha, como ela declara a certa altura, e si mais que provável neta do galego Benito Ferreiro (sic) Mouriño –filha natural dumha filha, a saber quem o pai-, caso documental falso que nom era infrequente para ocultar um nascimento ilegítimo: os país da *filha pecadora*, para resguardar a honra da família, inscreviam (eclesiasticamente) como filha de seu a neta fruto desse *pecado*. E entom um nom pode evitar ver como autêntico exemplar de galega contundente e mulher forte (ao fim umha *gallegota*, neste caso urbana) a modelo do pintor: vedeai a minha arriscada aposta.

1.1.8.OS MÚSICOS

Se bem neste rubro os italianos levam a palma, nom faltou algum que outro galego no campo musical uruguaiano.

No da música típica temos os irmáus Collazo Patalagoity, Juan Antonio (1896-1945) e Ramón “Loro” (1901-1981), de pai galego. Aí está, tamém, o erudito tanguero Boris Puga Balsami, neto paterno de galego...

E na música académica temos o nome eminente de Héctor Tosar Errecart (1923-2002), neto paterno de galego, considerado dos compositores mais importantes da segunda metade do XX. Pola sua parte, o magistral guitarrista Abel Carlevaro Casal (1916-2001), era neto materno de galego e sobriño do poeta Julio J. Casal.

Contemporaneamente nom se podem obviar o luthier Ariel Ameijenda, galego de estirpe, ou a Laura Canoura Sande, neta paterna de galego com apelido materno da mesma origem, nem a Natalia Oreiro Iglesias, da mesma ascendencia paterna, mas um pouco mais afastada. Iguamente poderíamos incluir nesta listagem elemental o clam Prada-Drexler, com ancestros Prada asturianos de origem galega, dupla ancestralia que tamém posúe o músico Carlos Da Silveira Sánchez, polo seu apelido materno. E em paralelo a cantante Cristina Fernández, cos quatro avôs galegos, e a única que temu m amplo repertorio musical cem por cento galego.

1.1.9.”O FOTÓGRAFO DE GARDEL”

Foi alcumado assi José María Silva Fernández (A Estrada-Pontevedra, 1897-2000), arribado de neno ao país e bem conhecido nos nossos días.

Muito antes del, entre a multitude de fotógrafos galegos (Cousillas, Do Pazo, Varela, Salgueiro, Lodeiro, Lois, Diz, Cendón, Codesido, Facal, Toja...), temos a Jesús Cubela (c. 1866-1925), o ourensano pioneiro na reportagem fotográfica.

1.1.10.O TEATRO. O CINEMA

À parte nomes como José Somoza, Santiago Gómez Cou[sillas], Ramón Otero ou Estela Castro (“una de las cuatro grandes de la comedia uruguaya”)... todos de origem galaica, como os irmáus Reyno, Sancho Gracia, Jorge Esmoris (na realide: Esmorís), ou o recentemente finado Omar Varela... uns quantos entre decenas de

actores de teatro ou cinema tales César Troncoso Barros ou o galego nativo Andrés Pazos Pérez.

E aos criadores do teatro independente oriental, tales Manuel Domínguez Santamaría (Arnoia-Ourense, 1908-1979) ou Julio Castro Álvarez (1913-1973), este de país galegos e com vivência juvenil na Galiza.

A três épocas sucesivas do cinema uruguaiano correspondem os nomes de Manuel Arís Torres (Poio-Pontevedra, 1920-2013), documentalista nos primeiros anos do cinema nacional (1952), Manuel Martínez Carril (1938-2014), crítico e sempiterno director de *Cinemateca Uruguaya*, galego-filho, e Manuel Nieto Zás, trisneto do mestre vareliano galego Manuel Nieto y Otero, de numerosa e destacada prole.

1.1.11.A DANÇA E OUTRAS ARTES DINÁMICAS

Na dança tivemos Violeta López Lomba Chenet (1925-1968), trisneta do galego Vicente Lomba, e temos a Sara Nieto Mosto, bisneta do recém citado Nieto y Otero. Depois está a dança típica, na qual destaca Juan Carlos “Coco” Lema, neto de galego.

E é chegado o momento de plantear algo que estimamos digno de reflexom: som o fútbol, o boxe, a esgrima, como as assi chamadas artes marciais, artes ao tempo que deportes? A gimnasia rítmica, o esquí sobre gelo... nom tenhem muito de balet? E nom seguimos com outros deportes igualmente susceptíveis de tal condição tangencial.

Entom, se aceitarmos esta opinión, ai temos, no fútbol, figuras galegas ou filogalaicas tam famosas como Pedro “Vasco” Cea Errauzquin (1900-1970), de pai galego, Lorenzo “Gallego” Fernández (1900-1973), de país galegos, Álvaro Gestido Pose (1907-1957), o mesmo que o anterior, Óscar “Cotorra” Míguez Antón (1927-2006), de pai galego... Sem olvidarmos ao José “Pepe” Santamaría Iglesias, filho de galegos...

E no boxe nom podemos obviar o legendário Dogomar Martínez Casal (1930-2016), igualmente de pais galegos.

2.OS LITERATOS GALAICO-URUGUAIANOS: UMHA REALIDADE SINGULAR

2.1.OS ESCRITORES, HISTORIADORES, ETC.

Finalmente imersos num mundo mais cercano das nossas afeições, poderemos espigar, nesse abigarrado acervo literário uruguaiano, um cúmulo de nomes especialmente relacionados com o galego. Começemos polos discutíveis precursores.

José Prego de Oliver (1750-¿), catalán de nascimento, filho de galego; Petrona Rosende Jordán de De la Sierra (1787-1863), filha de país galegos e em cuja polifacécia nom é preciso abundar; Francisco Acuña de Figueroa y Bianqui (1791-1862), filho de galego, absolutamente contemporâneo da anterior, este si com maior enjúndia e reconhecimento na nascente literatura nacional. Outro: Heraclio Fajardo Núñez (1833-1868), neto paterno de galego.

Até chegarmos à grandíssima figura, já mergulhados na modernidade, de Eduardo Acevedo Díaz (1851-1921), com esse Díaz procedente de seu célebre avô general, o corunhês Antonio Díaz.

E é entom, neste apaixonante tapiz cronológico, quando nos assalta a apaixonante personalidade de “El Viejo Pancho”, José Alonso y Trelles (Ribadéu-Lugo, 1857-1924), galego el e gaucho adoptivo nos seus mais que populares poemas de “Paja Brava”, de quem, por certo, se aproxima o centenário do seu deceso.

Para culminar esta etapa co grande José Enrique Rodó Piñeiro (1871-1917), neto materno de galego.

Já no século XX pleno temos os nomes de: Eduardo Dieste Gonçalves (1882-1954), filho já aludido de galego e com vivência juvenil na Galiza; Ángel Aller Villa (Betanços-Corunha, 1887-1977), um galego aginha uruguaizado; Julio J. Casal Ricordi (1889-1954), filho de galego, figura excepcional polo seu ingente labor à cabeça da revista corunhesa-montevideana “Alfar”, de actual centenario; Enrique Casaravilla Lemos (1889-1968), bisneto paterno de galego, co apelido materno ancestralmente galaico.

E que dizer que já nom fora dito de Juana Fernández Morales (1892-1979), outra filha de galego, antes de ser Juana de América, tamém ela com vínculos entranháveis coa “patria de [su] padre, luminosa y grande”, como ela definiu a Galiza, cuja biblioteca da vila paterna leva o seu glorioso nome?

Mais: Víctor Soliño Seminario (Baiona-Pontevedra, 1897-1983), chegado de neno, é outro caso de identificação total co meio, a cara urbana assumida fronte à rural de “El Viejo Pancho”; Alfredo Mario Ferreiro Martínez (1900-1959), filho de galego; Susana Soca Blanco Acevedo (1907-1959), bisneta dum galego Blanco, diferente do anteriormente mentado Blanco dos Zorrilla; Arturo (1912-2003) e María Julia Ardao Jaureguito (1918-2012), filhos de galego; Flavio García Campollo (1913-1998), filho de galego; Idea Vilariño Romani (1920-2009), neta materna de galegos, cuja aldeia visitou e reflicte nos seus diários quando di que sua avó lhe tarareava algunha cançom coa que lhe aprendeu “a escandir los versos de gaita gallega”; Ricardo Paseyro Shakelton (1925-2009), bisneto paterno de galego; Carlos (1921-1982) e Ángel Rama Facal (1926-1983), de pais galegos, condiçom que tinham visceralmente assumida; Guillermo Vázquez Franco; Lucila Sala Fernández de Tourón (1925-2006), filha de galegos; Nancy Bacelo Gómez (1931-2007), bisneta paterna de galego; Andrés Vázquez Romero (1933-1985), quem morréu visitando a terra galega de seus pais.

Outros nomes recentes: Carlos Zubillaga Barrera, neto materno de galegos, Nelson Marra Seijas, neto materno de galego; Mercedes Estramil Chouciño... e tantos mais que nom podemos citar pontualmente.

2.2.OS EDITORES

Messes atrás saíu na Galiza “Los editores de origen gallego en el Uruguay de la modernización”, labor conjunta de Guedes, Luna e Torres. Nom há mais que consultá-lo para extraer figuras galegas de imprescindível existência para a existência mesma da literatura uruguaiana. Assi:

Francisco Vázquez Cores (Ferrol, 1848-1914); Antonio Barreiro y Ramos (A Laracha-Corunha, 1851-1916), José María Serrano Castro (Carballo-Corunha, 1870-1945); Claudio (1876-1949) e Maximino (1884-1962) García Pérez (Matamá-Vigo)... aos que me permito acrescentar a Manuel Lamas Ferreiro (Berdillo-Corunha, 1907-1970), “El librero de la Feria”.

3.1.OS URUGUAIANOS ESCREVEM SOBRE A GALIZA

Prescindindo de citas ou textos curtos de literatos como De las Carreras, Gustavo Gallinal, Julio J. Casal, J. Lamarque Pons (o único músico da listagem), W. Reyes Abadie, Idea Vilariño, Mario Benedetti, Eduardo Galeano ou Rolando Faget, achamos pertinente despregar umha curtametragem literária dos uruguaianos *galeguistas* (grupo a integrar os hispanistas) que repararom na Galiza, desta ou daquela maneira, agrupando-

os nos seguintes colectivos: a) Ensaístas ou narradores com a Galiza como tema; b) Estudosos de figuras galegas de aquí ou dalá; c) Narradores com personagens galegas imigradas; d) Descendentes de galegos ou que investigaram e plasmarom em livro as suas raízes.

Atrévemo-nos a afirmar que, à parte aportes alheios que nos contradigam, é a nossa república a que, por vía da sua *intelligentsia*, tem reparado mais e com muita vantagem, naquela pequena naçom europea. Assi é como, ao longo de mais dos cem anos que vam de 1918 a 2023, umha quarentena de autores uruguaianos (nem sempre com antecedentes galegos, alcançando o meio centenar de obras) frequentou em algum momento a matéria galega, claro está que com desigual nível.

Passamos agora a os relacionar, e, para abreviar, prescindindo da clasificación que vimos de apressentar, isto é, por simples orden cronológica de publicação da sua primeira obra, quer unipessoal, quer em volumem colectivo, os escritores com a condiçom antedita.

Bellán (Doñarramona, 1918), Magariños Borja (1918), Sábat Pebet (1929), Ibarbourou (1930), Gil Salguero (1930), Manuel de Castro (1937)... Petillo (1955), Á. Rama (1961), Vidart (1961), A. Ardao (1962), Zubillaga (1966), Apolant (1970), Bayardo (1973), Moreira (1976), Astigarraga (1977), Zannier (1979), P.R. Barreiro (1979), Ignacio Martínez (1979), Mendive (1983), Rial (1985), Samuelle (1988), M. Cordero (1988), Vega Castillos (1991), Abbate (1995), Monestier (1996), Varese (1997), Taranco (1997), San Román (1998), José L. Martínez (1999), C. Posadas (2001), Agó Páez (2001), Rosales (2002), Dr. Mariño (2005), Torrendell (2007), Oliveira & Naón (2009), Da Fonte (2013), De Mattos (2014), Abal (2014), Piñeyrúa (2018), Lede & Torres (2021), Guedes, Luna & Torres (2023).

3.2.O CENTRO DE ESTUDIOS GALLEGOS

É merescente de especial mençom a colecçom de Anuários do *Centro de Estudios Gallegos* da *Facultad de Humanidades y Ciencias de la UDELAR* que, em número de catorze (1997-2010), contém valiosos ensaios sobre Galiza-Uruguai (Bianchi, Lago, Bresciano, Torres...), na imensa maioria dos casos devidos a cidadaos uruguaianos.

BIBLIOGRAFIA SOMERA

Monterroso Devesa.- Case 3.000 nomes galegos do Uruguai (inérito). 200 estirpes históricas gallegas, 2017.

O curmán de Undochán (Monterroso Devesa).- Crónicas desde o outro mundo, ed. digital, 2021.